

Missa do Crisma

Arquidiocese de Olinda e Recife

(Leituras: Is 61,1-3ª.6ª.8b-9 – Ap 1,5-8 – Lc 4,16-21)

Irmãos e irmãs queridos,

Que alegria podermos iniciar as celebrações pascais com esse encontro que reúne toda a nossa Igreja local na renovação dos compromissos de ser uma Igreja pascal, toda ela, ministerial e como ensaio do reino de Deus nesse mundo. Sejam, portanto, bem-vindos meus amados irmãos e irmãs: bispo (dentre eles Dom Limacêdo, nosso bispo auxiliar, que pela primeira vez participa conosco da Missa do Crisma), abade (Luiz Pedro), provinciais, presbíteros (de modo especial os que foram ordenados no final do ano passado ou participam desta Missa pela primeira vez), diáconos, religiosos e religiosas, seminaristas, leigos e leigas dos diversos movimentos, associações e pastorais, atuantes em nossas paróquias, instituições e comunidades. Juntos, vivemos nessa manhã, uma bela experiência de unidade eclesial e comprometimento com a Igreja que formamos, alicerçada na fé e no compromisso com a Palavra de Deus.

Acabamos de ouvir no evangelho como Jesus, impulsionado pelo Espírito, inicia a sua missão em um culto de sábado na sinagoga de Nazaré. Para a comunidade de Lucas, essa cena parece ser o *Pentecostes de Jesus*. Jesus começa sua missão na Galileia recebendo o Espírito de Deus, assim como o evangelista conta nos Atos dos Apóstolos que, no dia de Pentecostes, os discípulos receberam o Espírito prometido em forma de línguas de fogo (At 2). Lucas é o evangelista que mais mostra Jesus, todo o tempo, movido e inflamado pelo Espírito, como em um Pentecostes permanente. Conforme narra, é o Espírito Santo que leva Jesus a orar ao Pai no alto da montanha. É o Espírito que o faz escolher os discípulos. É o Espírito que o fará ser testemunha e mediador da vinda do reino de Deus ao mundo. Que maravilha seria se todos nós pudéssemos ser cada vez mais

carismáticos e pentecostais, assim como Jesus se revelou. Em todos os momentos de sua vida, ele exulta no Espírito e cheio do Espírito renova hoje nossa missão.

Na nossa Igreja atual, os movimentos de tipo carismático que se consagram à oração e ao louvor são uma riqueza para a Igreja e para o mundo. Mas, o que Lucas nos mostra nesse evangelho é que ao receber e se deixar encher do Espírito Santo, Jesus proclamou sua vocação profética de transformar o mundo. Ali na sinagoga, ele toma como texto a ser lido a vocação de um profeta (Isaías 61) e proclama um ano de graça, ou seja, um tempo de libertação para o povo.

O texto de Lucas conta que os ouvintes de Jesus se sentiram incomodados. Reagiram espantados. Não esperavam dele aquele tipo de proclamação. Na época de Jesus, como na nossa realidade atual, muitos crentes pensam que seria mais interessante que a palavra de Deus nos fosse dada apenas para consolar os corações e nos ligar em uma relação entre Deus e nós, que pouco tivesse a ver com o mundo. No entanto, a presença divina do Espírito em Jesus o faz decidir-se por assumir como missão, curar os doentes, libertar quem está oprimido ou prisioneiro e anunciar um ano de perdão das dívidas, devolução das terras aos antigos donos e libertação de todo tipo de escravidão.

É difícil imaginar o impacto das palavras de Jesus em uma Galileia dominada e ocupada pelos militares romanos e onde galileu passou a ser sinônimo de zelota (rebelde contra os romanos). Na primeira leitura, ouvimos que, depois do exílio da Babilônia, o profeta viu sua vocação como proclamador de uma lei de política pública, que vise a libertação de todas as escravidões e dependências. Ao retomar esse texto no evangelho e ao escolher dele só as palavras relacionadas com a graça, deixa-se de lado o aspecto profético. Jesus proclama a atualidade da expressão “Hoje se realiza essa Palavra!”. É claro que em cada época, essa missão tem de assumir o jeito de ser do momento, mas não podemos dizer que esse tipo de missão era bonita, mas é

de outra época e hoje já não é assim. A páscoa de Jesus revela que a obra do Espírito Santo é justamente essa: unir a experiência íntima de uma fé afetuosa e mística à radicalidade social e política do profeta que quer transformar o mundo. Desde então, nenhum discípulo de Jesus pode ser carismático sem ser profeta, como não pode ser profeta social sem ser carismático.

Na segunda leitura dessa missa, o livro do Apocalipse retoma o Êxodo na cena da aliança que Deus fez com todo o povo no monte Sinai (Ex 19) e reitera que somos todos nós um *povo sacerdotal*. É importante que nessa Missa na qual celebramos especialmente a instituição do sacramento da ordem, essa leitura nos lembre que antes de ser diáconos, padres e bispos, **todos nós somos batizados e o batismo nos faz de todos um povo sacerdotal**, como insistiu São Paulo em sua carta aos efésios: "A fé é uma só. Temos o mesmo batismo. Temos o único Deus e pai de todos" (Ef 4, 1- 4). Nossas vocações são referenciais umas às outras. Não existiria bispo, nem presbítero, nem diácono, se não houvesse a comunidade de fieis cristãos.

Meus queridos irmãos bispos, presbíteros e diáconos, precisamos crescer, sempre mais, na unidade e fraternidade, sobretudo porque fazemos parte de um mesmo presbitério. Esforcemo-nos por pregar sobretudo pelo testemunho, praticando aquilo que cremos, professamos e anunciamos. Recordemo-nos com humildade e gratidão o que nos ensina Lucas: "A quem muito foi dado, muito será pedido; a quem muito foi confiado, muito mais será exigido" (Lc12,48b). Somos vocacionados para a santidade e temos responsabilidade com a santificação dos irmãos, especialmente dos mais próximos. Precisamos cultivar ente nós, sincero vínculo de amizade e fraternidade. Conscientes das limitações humanas, não nos omitamos à correção fraterna, mas façamos isso com caridade e respeito. Em hipótese alguma, cedendo à tentação de destruir, fazendo uso de meios indevidos e obscuros. Nunca esqueçamos a resposta de Jesus aos mestres da lei e fariseus, diante da mulher acusada de adultério: "Quem dentre vós não tiver pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra" (Jo 8,7b). Nós tivemos oportunidade de meditar essa

passagem do evangelho muito recentemente, no V domingo da Quaresma. Finalmente, respeitemos a verdade e maneira de ser do outro, lembrando-nos de que fomos criados para a liberdade e o julgamento dos corações compete, única e exclusivamente a Deus, Somente Ele “perscruta as mentes e os corações”.

Nessa Eucaristia, consagraremos o Santo Crisma – o óleo da consagração à missão de todos nós batizados. Ele serve para a unção dada no sacramento da Crisma e também nas ordenações ministeriais. E fazemos isso por que? O óleo do santo Crisma significa essa união entre a dimensão carismática e a radicalidade profética da nossa missão, enquanto povo sacerdotal. Que os ministros ordenados, bispos, padres e diáconos, ao renovar agora o seu compromisso de servir ao povo de Deus se coloquem como ministros da reconciliação e testemunhas desse jeito de ser próprio de Jesus. Quanto mais embriagado pelo Espírito que é Amor, sejamos mais tomados pela realização do projeto divino do Reino de Deus nesse mundo, aqui e agora. E que possamos fazer isso como Igreja unida. Mesmo na diversidade de nossas responsabilidades pessoais e, respeitando a liberdade de cada um, é preciso construir juntos uma Igreja pascal que, como pede e insiste o papa Francisco, seja uma Igreja da misericórdia e permanentemente em saída.

Na Missa do Santo Crisma, no ano passado, na Basílica de São Pedro, o admirável papa Francisco pediu a cada sacerdote presente uma palavra que podemos ouvir agora como se dirigindo a cada um de nós: “ *Sete sentes longe de Deus, aproxima-te do seu povo, que te curará das ideologias que te entorpeceram o fervor. As pessoas simples te ensinarão a ver Jesus de outra maneira* ”.

Estamos para iniciar em três de setembro próximo, quando estaremos celebrando oitenta anos do III Congresso Eucarístico Nacional, acontecido aqui em Recife, a abertura do Ano Eucarístico, em preparação para o XVIII Congresso Eucarístico Nacional que mais uma vez acolheremos em nossa arquidiocese. Trata-se de preciosa oportunidade para crescermos

como Igreja na solidariedade fraterna e no sonho da partilha: “pão em todas as mesas”. É lamentável que em pleno século XXI ainda sejamos exigidos a falar de miséria e fome. Mas essa é a nossa missão como verdadeiros missionários e profetas. Nós só seremos uma Igreja pascal se todos e cada um, não tiver receio de ligar a fé com a vida concreta e com o compromisso de transformar essa sociedade de forma que, como diz o lema da Campanha da Fraternidade, se faça jorrar, como um rio transbordante, o direito e a justiça no mundo.

Amém!

Dom Antônio Fernando Saburido
Arcebispo de Olinda e Recife

Olinda, 18 de abril de 2019.